

*Jorge Biscaia***

Reflexão sobre a experiência de ser avô, situação que convida ao diálogo, tanto com o futuro da geração seguinte que se acompanha, como com a memória do passado agora recordada com mais clareza. Desafio a atitudes de sabedoria, em que a vulnerabilidade e a consciência dos limites não são obstáculos para uma abertura à aprendizagem, também com os netos – que não se podem querer segurar, mas a quem se deseja passar o testemunho que é luz.

Ser avô não depende da vontade de cada um.

Certamente que houve uma primeira decisão que os fez desejar e ter filhos. Depois, foi a saúde do corpo que foi permitindo viver durante os anos suficientes para que a decisão livre de cada um ou de alguns desses filhos repetisse no tempo o desejo que tinha precedido o seu próprio nascer.

Os avós não têm assim, à partida, qualquer mérito particular. Simplesmente lhes compete viver essa nova forma de continuação da vida apelando para a sabedoria que o tempo lhes foi ensinando. Não devem, contudo, ter a ilusão de que esses novos nascimentos serão uma espécie de renovar da sua paternidade, como que uma nova oportunidade que o tempo lhes veio dar. De resto, bem depressa tomarão consciência de que mesmo se inicialmente a jovem mãe aceita a ajuda da sua própria mãe a cuja experiência se acolhe, cada novo neto é uma realidade diferente dos seus filhos. Assim a sua participação deverá ser discreta, mais como quem responde a um pedido com sugestões do que com saberes absolutos.

* Texto publicado originalmente na *Brotéria*, 160 (2005), pp. 435-442.

** Médico Pediatra.

Gostar de ser avô

Isto não impede que se goste de ser de ser avô como acontece em nossa casa com a mãe dos nossos filhos. Esse gosto nada tem a ver com a idade porque esta não se mede pelos anos mas pela capacidade de estar disponível para se espantar com o belo da natureza e para desejar firmemente o bem dos outros. E ela, como eu, continua ainda agora a gostar de ver o mar como se ele não tivesse fim, embora já tenhamos estado de um e outro lado do oceano e reconhecamos por isso os limites que a terra lhe estabelece. Para além disto, mantemos a mesma admiração quando a lua se reflecte na água, depois do sol mergulhar nela ao final do dia, no seu luminoso banho diário. E como a juventude é este viver com o mesmo encanto o mistério da repetição diferente dos dias e das noites, os avós podem ser jovens.

Por outro lado aquele que é novo vive de estar junto e por isso um avô pode ser jovem porque já percebeu que a grande riqueza é saber acompanhar alguém mesmo quando só o silêncio unifica as pessoas.

Gostar de ser avô é também reconhecer com certa humildade que são os netos que nos dão esse privilégio, ao aceitar a nossa presença capaz de lhes encher os futuros com toda a lonjura do nosso próprio passado.

Comecei a reflectir sobre tudo isto ao ler um livro de Sepúlveda em que ele cita um poeta judeu Avrom Sutzkever que, já velho, escreve:

Os anciãos morrem na juventude
e os avós são apenas meninos disfarçados

Seremos nós grandes meninos disfarçados?

Ser menino

E o que é verdadeiramente um menino?

Certamente que é alguém com uma genética que o liga aos confins do tempo. Mas o código genético que lhe deu origem não é nem nunca foi, como hoje se sabe, um alicerce imutável, porque os genes, para lá da imprevisibilidade que presidiu ao seu encontro acabam por sofrer depois influências da mãe e do pai e através deles de todo o ambiente que desde o começo os rodeou. Cada um contém pois, nele próprio, um passado em contínua modificação que acabamos por só conhecer superficialmente e que, sem ter plena consciência disso, já está em plena transformação.

Um menino é também certamente alguém com um presente extraordinariamente rico, em que cada coisa, cada objecto, cada casa ou caminho pelo qual se desloca e que mais tarde percorre de modo mais consciente, é algo de novo

que ele pode ir dia a dia descobrindo. Ensina assim aos pais e mesmo aos avós, a novidade espantosa dos pequenos pormenores que cada coisa esconde dentro de si e que os mais velhos, apressados e com os sentidos dispersos, se esquecem muitas vezes de ver, na sofreguidão de tudo olhar.

Têm também um futuro muito maior que é feito de aventuras e de esperanças e que eles com passos incertos, de mãos e olhos abertos procuram agarrar. Porém, o menino, na sua ânsia de descoberta, sente-se inseguro e por isso olha para um e para outro lado para ver se aqueles que ele conhece e de quem espera uma relação de amor, estão atentos e por perto, prontos para o proteger. E só assim pode ir cada vez mais certo e de passos mais rápidos pela estrada que não lhe parece ter fim.

Memória clarificada

Por seu lado também nós, os avós, somos crianças embora com uma memória do passado mais longa.

Mas talvez sejamos mais livres para procurar nos anos que ficaram para trás aquilo que foi realmente importante, que só se descobre quando esse passado é desenredado dos nós que o tempo vai tecendo.

Na realidade, não foram os cargos que ocupámos, os negócios que fizemos ou as flores que no dia da aposentação nos entregaram que acabamos por lembrar. Foram sim os pequenos encontros marcantes com pessoas conhecidas e amigas ou com gente que se cruzou connosco quase por acaso. Esses encontros vincaram-nos a memória, embora nem sempre tivessem sido de prazer ou de bem-estar. Muitas vezes significaram momentos de sofrimento, de fracasso ou mesmo de humilhação. O seu mérito foi terem conseguido irem-nos descascando da importância que nos dávamos. Mostraram assim a relatividade dos acontecimentos e dos dias, que se devem medir mais pela verdade interior que nos vão permitindo, do que pelo prazer imediato que os banhou. O tempo a que ficam colocados vai-lhes despindo as emoções do momento e fazendo descobrir o sentido que na altura não lhes soubemos dar. A memória assim depurada recorda depois o essencial e faz perdurar as emoções profundas.

Aquele convite a que na altura atribuímos pouco valor foi realmente um apelo, um chamamento pessoal para um caminho de vida.

O cuidado do pai a aconchegar-nos a roupa no Inverno frio, mantém o mesmo calor, embora perdido nos anos. Aqueles olhos de mãe que nos penetraram com carinho ensinaram-nos a ternura.

Os que souberam inclinar-se para nos ouvir com atenção, como se fôssemos da sua idade e do seu saber, ensinaram-nos a importância de cultivar a ciência de escutar os outros. Aquela conversa de aparente acaso é agora interpretado como uma presença de Deus.

O primeiro encontro que nos fez distinguir como únicos, o homem e a mulher, diferente de todos os outros, faz-nos ver que o importante são as pessoas e não a multidão. Aquela mãe atenta ao jovem casal que se contempla, ao chamar-lhes a atenção para a beleza do luar, ajudou-os a descentrar-se de si como realidade única.

A confiança com que alguns companheiros de caminho se nos revelaram fez-nos capazes de confiar.

São estes mil e um acontecimentos que o tempo vai clarificando, que formam o nosso passado num crescendo de pedras que fomos integrando na nossa biologia sem nos apercebermos disso.

Mas o tempo de avós permite também um debruçar-se interessado sobre o passado daqueles que os antecederam e que são, agora, apenas velhos retratos sem nome e sem data. Este conhecer a família que nos precedeu e que nunca vimos e olhar, com mais encanto que censura, para o que eles foram e fizeram antecipa o nosso futuro. Ensina-nos a escolher as memórias das linhas condutoras da nossa vida que devemos deixar-lhes como verdadeiro património, o que é uma forma de os amar para lá do nosso tempo.

Aprender na vulnerabilidade

Mas ser menino, sendo velho, é também continuar a olhar para a frente e não pensar que tudo deve ser uma repetição imutável do tempo que já vivemos. Ser capaz de admitir que, muitas vezes por linhas não muito claras e caminhos com altos e baixos, o futuro deles terá pelo menos tantas coisas positivas como o nosso passado. É ter ainda dentro de si a vontade de encontrar com os mais novos perspectivas diferentes daquelas a que nos habituámos.

Mas o tempo dos avós é por isso um tempo de descoberta partilhada com o prazer de quem a faz em companhia. Podem ser simples conchas na areia da praia, velhos livros de que se tinha perdido o rasto, ou então um recordar brincadeiras e aventuras de infância que nos fazem ainda mais próximos.

Saber rir quando reparamos que as suas alturas nos fazem mais pequenos e que agora já não podemos pegar-lhes ao colo mas antes deixar que sejam eles a conseguir levantar-nos. É bom aceitar de bom grado que mesmo os mais pequenos consigam fugir-nos e distanciar-se na corrida.

Talvez assim seja possível aprender os nossos limites sem ser unicamente através da morte dos que são da nossa idade.

E nesse conviver, os avós são meninos a aprender um mundo mais rico com a experiência da sua vulnerabilidade, tão relevante como o das regras e dos princípios filosóficos que também são certamente importantes, mas que não devem fechar-nos nas securas da razão.

Gostar de brincar na praia, embora no futebol já não cheguem as pernas para a rapidez dos mais pequenos e no voleibol faltem a frescura dos rins e dos braços. Mas brincar apesar de tudo, tanto às caricas, como ao prego em que a avó é perita. Às vezes é bom ensinar xadrez procurando resistir até ao fim quando uma distração maior nos apanha em desvantagem. Em momentos sem ocupação descobrir o prazer de pôr as netas, mesmo as mais novas, a tricotar malhas, em que mesmo os pais, no seu tempo, adquiriram uma enorme perícia técnica que delicia os mais novos ouvir contar.

Aceitar com humildade ser ensinado, mesmo pelos mais pequenos, nos segredos do computador e da Internet, tanto como nas artimanhas das mensagens por telemóvel.

Os avós meninos...

Assumir os limites

Tudo isto nos faz recomençar a assumir com naturalidade os nossos actuais limites.

Este caminho difícil já devia ter sido iniciado com a partida dos filhos. Com a aceitação das suas escolhas das novas filhas e filhos que eles trazem para junto de nós. Assistir atentos e preocupados mas quase inertes às opções de seguirem este ou aquele caminho este ou aquele emprego, resistindo à tentação de fazer depois a observação inútil, mas que magoa sempre: «eu não te disse antes...».

Esse sofrer com decisões livres que aqueles que amamos vão tomando, limitando-nos a acolher, elogiar, ou tentar ajudar, tem de ser realizado como um grande passo na descoberta das nossas fragilidades.

O outro é criado pela dúvida que se instala sobre os nossos erros e debilidades, ausências ou intervenções exageradas, no tempo em que os filhos mais pequenos necessitavam dum equilíbrio entre o ensino de valores, e das regras e a liberdade.

A dúvida persiste sempre, porque nós próprios estivemos também a construir-nos de modo permanente e nunca acabado. Fomos por isso limitados por mil e um factores do nosso próprio corpo e dos que nos rodearam, que nunca é possível controlar de modo absoluto. Tentámos contudo ser, não professores com aula prévia e sabiamente preparada, mas pais numa relação com eles, plena de contingências e distrações.

Para além disso, é igualmente impossível prever o que irá ficar retido da nossa intervenção de corpo/espírito, ainda por cima feito por dois, porque um pai e uma mãe, como casal, nem sempre são totalmente um na sua pessoa conjugal. São limites de que nunca poderemos ter a medida, mas que não nos devem preocupar demasiado se sempre nos procurámos dar com o amor possível. Porque

esse amor apesar de todos os erros e desvios que tivemos e que eles certamente farão, é realmente a única coisa que deixa rasto duradouro para lá do nosso tempo.

Passar a luz

Mas mesmo que tivéssemos tido esta percepção, os grandes limites serão mais perceptíveis com o aparecimento dos netos que vão aumentando em idade e agravando o peso da nossa.

Se são ainda pequenos, o seu bulício também nos cansa e precisa de momentos de afastamento, embora o seu estar nos transmita uma enorme e rejuvenescida ternura.

Porém, à medida que eles crescem vão naturalmente ficando mais longe, precisamente quando nós temos a tentação de os querermos mais perto. Repete-se agora de modo mais vivido o que aconteceu com os filhos.

Nesta altura da nossa vida, o desejá-los perto pode ser mais para nos darem carinho, companhia, presença do que para lhes servirmos de ajuda e sinal como devia ser. Por isso, devemos aceitar com naturalidade que eles não apareçam tanto, que não povoem como antigamente os nossos espaços, que tenham outros interesses, que já nem sequer tentem classificar-nos carinhosamente como «cotas»...

As vidas, os interesses e a própria limitação que a idade inevitavelmente nos irá provocar têm de ser vistas como despojamento natural.

Devemos então preparar-nos para viver plenamente esse tempo mais tardio, à medida que o corpo já tem mais dificuldade para ultrapassar os obstáculos e já se esquecem os nomes, embora se continue a olhar o mundo com a memória da infância.

E viver com os netos, de quem esperamos imenso, é também ficar como quem olha um barco que se vai confundindo com o infinito. Tudo isto porque, sendo nós uma espécie de guardas do passado, devemos manter acesa até ao fim a lâmpada que ilumina o futuro. Uma espécie de farol que a lonjura quase impede de ver, mas que se sabe estar presente como recordação da segurança do porto.

E serão eles e não nós que levarão essa nova espécie de facho olímpico, a chama da ternura.

É essa luz que uma vez acesa se deve ir passando com cuidado de mão em mão, porque só iluminará toda a terra quando, todos juntos, nos encontrarmos em redor da mesma fogueira de paz e de ternura.